



UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ
CENTRO DE CIÊNCIAS
DEPARTAMENTO DE GEOGRAFIA
LICENCIATURA EM GEOGRAFIA

DANIEL FLORENTINO

MEMORIAL DESCRITIVO

ENTRE BANCOS: UMA GEOGRAFIA PESSOAL

FORTALEZA
2020

DANIEL FLORENTINO

ENTRE BANCOS: UMA GEOGRAFIA PESSOAL

Trabalho de conclusão de Curso apresentado ao Curso de Graduação em Geografia, da Universidade Federal do Ceará, em cumprimento à exigência para obtenção do título de Licenciatura em Geografia.

Orientador: Prof. Dr. Tiago Vieira Cavalcante

FORTALEZA

2020

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação
Universidade Federal do Ceará
Biblioteca Universitária
Gerada automaticamente pelo módulo Catalog, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

F655e Florentino, Daniel.

Entre bancos : uma geografia pessoal / Daniel Florentino. – 2020.
44 f. : il. color.

Trabalho de Conclusão de Curso (graduação) – Universidade Federal do Ceará, Centro de Ciências,
Curso de Geografia, Fortaleza, 2020.

Orientação: Prof. Dr. Tiago Vieira Cavalcante.

1. Ensino da geografia. 2. Conhecimento. 3. Experiências. 4. Aprendizagem . I. Título.

CDD 910

DANIEL FLORENTINO

MEMORIAL DESCRITIVO
ENTRE BANCOS: UMA GEOGRAFIA PESSOAL

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado ao Curso de Graduação em
Geografia da Universidade Federal do
Ceará, como requisito parcial à obtenção
do título de licenciada em Geografia.

Aprovada em: /_/_

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Tiago Vieira Cavalcante (Orientador)
Universidade Federal do Ceará (UFC)

Prof. Dr. Alexandre Queiroz Pereira
Universidade Federal do Ceará (UFC)

Prof.^a. Ma. Ivna Carolinne Bezerra Machado
Universidade Federal do Ceará (UFC)

Aos meus filhos, Ana Bê, DanFilho,
Caio e Rafinha.

À minha amada esposa, Aline.

À minha mãe, Ana Rosa.

Ao meu pai Marco Antônio.

AGRADECIMENTOS

Inicialmente quero agradecer ao meu orientador Prof. Dr. Tiago Vieira Cavalcante, por sua paciência, atenção e todo seu suporte de orientações, correções e principalmente de incentivo para finalização deste memorial.

Agradeço a meus familiares que me apoiaram e acreditaram neste momento tão importante em minha vida, em especial à minha esposa Aline Florentino que, com muita paciência e incentivo, compartilhou noites e dias de convivência e participou ativamente de todos os momentos aqui apresentados. Aos meus filhos, Ana Beatriz, Daniel Filho, Caio e Rafael - minhas eternas crianças - à minha mãe Ana Rosa, pelo amor, carinho, estímulo e muito apoio dado para continuar acreditando na conclusão do curso, à minha tia Vera Paoloni, mulher forte, inteligente, companheira de luta e com participação fundamental no meu norte político-social e ao meu pai Marco Antônio, velho amigo e parceiro de profundas discussões políticas e filosóficas.

Aos meus professores da graduação em licenciatura em Geografia que estimularam, ensinaram e dividiram seus conhecimentos, que partilharam de alegrias, angústias, sonhos, conhecimentos e lutas. Trilhamos belos dias de sol e chuvas juntos e agora temos que voar além dos muros da Universidade. E finalmente os meus amigos do cotidiano universitário que viveram momentos desta caminhada, sempre me incentivando e apoiando.

A todos, o meu muito obrigado, sincero e emocionado!

“Quando as universidades de um país viram inimigo de um governo é porque este governo já virou o inimigo do povo há tempos!”

(Miguel Nicolelis, 2018)

RESUMO

O presente memorial constitui-se de uma apresentação sobre a importância da prática do ensino da geografia na construção do conhecimento em minha formação estudantil e profissional, focalizado nas experiências vivenciadas nas universidades por onde cursei a licenciatura em geografia, concomitante à minha passagem profissional em duas instituições financeiras bancárias, públicas e de fomento: O Banco da Amazônia S/A e o Banco do Brasil S/A, mostrando de que forma os conhecimentos adquiridos, tanto no espaço acadêmico quanto nos bancos citados, se alinharam e contribuíram para minha formação docente. Com a intenção de fazer um resumo dos anos vividos na universidade, daremos destaque na importância dos estágios para a formação quanto professor de geografia junto às experiências profissionais nos bancos, dissertando ainda sobre o processo de construção do conhecimento durante o meu período de formação e aprendizagem, com reflexões acerca do trabalho no cotidiano de professor, aluno e bancário, fazendo assim uma retrospectiva dos principais momentos vividos dentro do curso de licenciatura em geografia.

Palavras-chave: Ensino da Geografia; Conhecimento; Experiências; Aprendizagem.

ABSTRACT

The present memorial consists of a presentation on the importance of the practice of teaching geography in the construction of knowledge in my student and professional training, focused on the experiences lived in universities where I attended the degree in geography, concomitant to my professional experience in two banking, public and development financial institutions: Banco da Amazônia S/A and Banco do Brasil S/A, showing how the knowledge acquired, both in the academic space and in the aforementioned banks, aligned and contributed to my teacher training . With the intention of summarizing the years lived at the university, we will highlight the importance of internships for training as a geography teacher along with professional experiences in the banks, also talking about the process of building knowledge during my period of training and learning, with reflections on the daily work of teacher, student and bank employee, thus making a retrospective of the main moments lived within the degree course in geography.

Keywords: Teaching of Geography; Knowledge; Experiences; Learning.

SUMÁRIO

1. Primeiras palavras.....	10
2. O início da vida acadêmica.....	11
3. O Banco da Amazônia inserido no contexto geográfico.....	13
3.1 O Basa.....	13
3.2 O município de Bragança e suas transformações	14
4. Mudanças na vida profissional, pessoal e estudantil.....	16
4.1 O Banco do Brasil	16
4.2 Rosário e sua transformação geográfica e populacional	18
5. De volta à terra do sol.....	22
6. Remando tudo de novo: Agora é geografia na veia.....	23
6.1 A licenciatura em geografia na UECE.....	23
6.2 Pedologia e o professor Elton: Se não gostar de gente, não seja professor!	25
6.3 Mar calmo não faz bom marinheiro: Fábio Perdigão e a oceanografia	25
6.4 As oficinas pedagógicas I e II e os princípios de prática docente	27
6.5 Dil(e)ma e escolhas, a despedida da UECE: “Tchau Querida”.....	29
7. Geografia na Universidade Federal do Ceará: Enfim a conclusão!.....	30
7.1 UFC: Paixão à primeira vista	30
7.2 Oficina geográfica III - Por uma geografia lúdica	31
7.3 A Geografia do Brasil inserida numa geografia do Espaço Mundial	32
7.3.1 O Trabalho de campo: Serra Talhada e a “Casa” do Rei do Cangaço	33
7.3.2 Professor Levi apresenta-nos o “Velho Chico” e a Grota de Angicos	35
7.4 O Estágio curricular em geografia IV (Ensino Médio).....	39
8. CONCLUSÃO.....	42
REFERÊNCIAS	44

1. PRIMEIRAS PALAVRAS

Confesso que o curso de Geografia não era minha primeira opção na graduação. A priori, minha escolha, orientada de forma bem persuasiva por meu genitor, com pitadas de despotismo, foi seguir seus passos na Medicina, opção esta que abandonei ainda no segundo semestre na Universidade Federal da Paraíba - UFPB, no início do século 21, para decepção não só do meu pai, como de toda a família próxima, família distante, além de distante, compadres e até vizinhos. Pessoas que há tempos não me viam, interpelavam se eu era o filho do doutor que tinha abandonado a Medicina. Eu só balançava a cabeça e dava de ombros, chateado pelos julgamentos.

Tenho certeza que seria um bom médico e faria jus ao juramento de Hipócrates se não fosse por um detalhe descoberto ainda adolescência e ratificado durante o curso; sofria de Hematofobia, tinha pavor de sangue. Hoje posso dizer que essa patologia psicológica já está controlada, afinal, sou pai de quatro filhos e perdi a conta de quantos dentes ou membros eles já quebraram. Mas vai explicar essa fobia a um pai rígido, militar, mulherengo e machista, que colocava óleo de copaíba em bicos de mamadeira para o pobre do seu bebê primogênito deixar de usá-las o quanto antes. Este exemplo é só para ter uma ideia do quanto foi difícil a convivência em casa após minha decisão de trocar de curso.

Quando declarei que me identificava como Geografia, até terapia meus pais propuseram. Perguntavam sobre meu grupo de amigos, se estava fumando, o porquê da minha revolta, etc. Ao dizer que era para Licenciatura em Geografia, aí sim tiveram a certeza que eu estava usando algum tipo de entorpecente. Pior - ou ainda bem - que nunca gostei de usar qualquer tipo de droga, costumava dizer que minhas viagens eram nos mapas e livros de nossos gênios, os geógrafos Aziz Ab'Saber e Milton Santos, com uma admiração especial neste último que, por uma terrível coincidência, veio a falecer no dia do meu aniversário, no São João de 2001.

Passados então um hiato de quase dez anos desde minha decisão de trocar de curso e mergulhar de cabeça na Geografia, só consegui entrar novamente na universidade anos depois, já quando pai, casado e bancário concursado do Banco da Amazônia (BASA). Financeiramente independente, morava em Belém-PA, quando resolvi prestar novamente um vestibular e enfim, passar no curso de Licenciatura e Bacharelado em Geografia da Universidade Federal do Pará - UFPA – em 2010.

Durante todo aquele tempo, como representante de um órgão público de fomento, nunca larguei o interesse no estudo da Geografia, pois sempre buscava temas que tinham

relação com meu trabalho. Mas foi a partir da primeira vez que pus os pés numa sala de aula de universidade, que tive a certeza que realizaria um sonho antigo de estudante; tornar-me um geógrafo e professor de Geografia.

Portanto, é sobre essa relação entre bancos públicos de fomento no Brasil e a Geografia, junto à minha experiência nos bancos de sala de aula, que vamos falar nesse memorial. Como os programas de ação social - distribuídos pelo governo federal através dos bancos de fomento - estão diretamente relacionados às mudanças no Espaço - Tempo - Território das pequenas cidades do interior onde residi durante minha formação acadêmica para licenciatura em geografia.

2. O INÍCIO DA VIDA ACADÊMICA

O ano era 2010 e eu havia prestado o vestibular para Geografia obtendo sucesso dentre as dez vagas para ampla concorrência. E logo depois do carnaval, enfim, iniciava o calendário Universitário da Universidade Federal do Pará – UFPA. No primeiro dia de aula, lembro da sensação de liberdade e realização pessoal enquanto caminhava às margens do rio Guamá em direção ao Bloco M da geografia. Naquele instante, já dava para observar como a geografia local, ribeirinha, era presente e diferenciada das demais Universidades do País. De vários pontos podíamos acompanhar a travessia de alunos em pequenos barcos vindos da outra margem do rio em direção ao campus.

Figura 1: Fachada de entrada da UFPA.



Fonte: Arquivo Pessoal (2010).

Figura 2: Barco com alunos da UFPA na travessia do rio Guamá.



Fonte: Arquivo Pessoal (2010).

O rio Guamá além de banhar parte de toda a capital paraense também cerca dezenas de ilhas localizadas próximas à Belém. Suas águas ora barrentas, amareladas e salobras sofrem influência direta do oceano Atlântico, via Baía do Guajará, do qual tem grande proximidade. É também onde se concentram os principais pontos turísticos de Belém como o Ver-o-Peso,

Estação das Docas e a própria UFPA. Cerca de 75% da água consumida da capital paraense vem deste rio, que é muito conhecido na região por ser o protagonista do fenômeno da Pororoca, quando a água do rio se encontra com as águas oceânicas, produzindo ondas constantes de até três metros de altura, em locais onde isso não é característico, alagando margens e comunidades ribeirinhas.

Figuras 03 e 04: UFPA vista de cima, chegando em Belém (2010) e Chalé de ferro UFPA, construção Belga na Universidade.



Fonte: Arquivo Pessoal (2010).

Diante de um verde amazônico imponente e hipnotizante, por toda a Universidade era possível observar árvores centenárias como Quariquara, de aproximadamente 400 anos, Quarubarana - 200 anos – e maçarandubas majestosas. Com uma flora excepcional, como era bonito o campus da UFPA. A partir dali, começava minha primeira experiência num campus universitário.

Figuras 05 e 06: IFCH – Campus UFPA e Entrada para Reitoria da UFPA em Belém-PA.



Fonte: Arquivo Pessoal (2010).

Logo no primeiro semestre me matriculei no máximo de disciplinas possíveis achando que logo na partida já seria apresentado com mais profundidade às obras de geógrafos como Milton Santos, Caio Prado ou Aziz Ab'Saber. Todos estes já vistos no ensino fundamental e médio. Acontece que das cinco disciplinas iniciais obrigatórias, em nenhuma delas continham citações daqueles geógrafos.

Uma disciplina, em especial, já me encheu os olhos, se chamava História do

Pensamento Geográfico e, de longe, foi a melhor e mais marcante daquele primeiro semestre.

Em sala de aula fomos apresentados às obras de autores das escolas alemãs e francesas que contribuíram no passado para uma sistematização da Geografia como disciplina nas universidades. Cientistas e pensadores como Karl Ritter, Paul Vidal de La Blache, Alexander Humboldt, Friedrich Ratzel e seu "determinismo geográfico" com sua obra, *Antropogeografia*, onde afirmava que as leis regedoras da história humana seriam as mesmas que regem as espécies vegetais e animais, tornando o homem um produto do meio geográfico em que vive, e este meio exercendo uma ação dominadora sobre o próprio homem. Ideia que, nos séculos seguintes, serviu de base para a expansão do capitalismo neocolonial (MORAES, 1994).

E nesse contexto dos antigos e novos aspectos do pensamento geográfico, os seus caminhos e embates, eu não poderia deixar de citar mais dois livros indicadas há época. O primeiro, *Epistemologia da Geografia* (2011) do francês Paul Claval, considerado um dos maiores geógrafos da atualidade e o outro livro de um grande especialista do cenário brasileiro, o geógrafo Ruy Moreira e sua obra *Pensar e Ser em Geografia* (2007), de onde apresentava aspectos do pensamento geográfico, seus caminhos e embates com a história da ciência geográfica num balanço da problemática da existência e do ser no espaço. Livros indispensáveis e devidamente perfilados na minha biblioteca pessoal.

Por fim costumo dizer que, durante todo o longo período acadêmico da graduação, de todas as disciplinas apresentadas, guardamos na memória menos de 50% delas e deste percentual você se identifica, a ponto de aprofundar o conhecimento, com menos de 10 matérias. Com toda certeza, História do Pensamento Geográfico está dentre minhas favoritas. Acredito que seja até proposital colocar no primeiro semestre um assunto tão profundo que instiga o pensamento crítico geográfico em sua formação embrionária. Por isso que afirmo ter sido uma iniciação na vida acadêmica além das expectativas, tanto que guardo o aprendizado desta disciplina até hoje.

3. O BANCO DA AMAZÔNIA INSERIDO NO CONTEXTO GEOGRÁFICO

3.1. O Basa

No primeiro semestre de 2010 eu já trabalhava no Banco da Amazônia há quase quatro anos quando, através de concurso público realizado pelo Cespe/UNB - no certame de 2005 - fui aprovado atingindo uma pontuação que resultou na oitava posição geral da Região Norte 01, que incluía todo o estado do Pará. Fui lotado e nomeado na cidade de Bragança-PA, a 250

km da capital Belém-PA, em 01 dezembro de 2006.

Conhecido regionalmente como BASA, o banco se diferencia das demais instituições financeiras por ser um banco público com atuação voltada para o desenvolvimento sustentável da Amazônia Legal, com ampla responsabilidade socioambiental através de programas corporativos, bem como no patrocínio a ações culturais, esportivas e sociais próprios de toda região Norte. Instituição comercial de economia mista, organizado sob a forma de sociedade anônima de capital aberto, o Banco da Amazônia S/A foi fundado durante a Segunda Guerra Mundial por Getúlio Vargas sob o nome de Banco de Crédito da Borracha. Inicialmente seu objetivo era reativar a atividade seringueira, matéria-prima da borracha (em declínio desde a Primeira Guerra Mundial) na Amazônia, já que era a única região no mundo, livre do conflito, que detinha condições de produzir látex nas proporções desejadas.

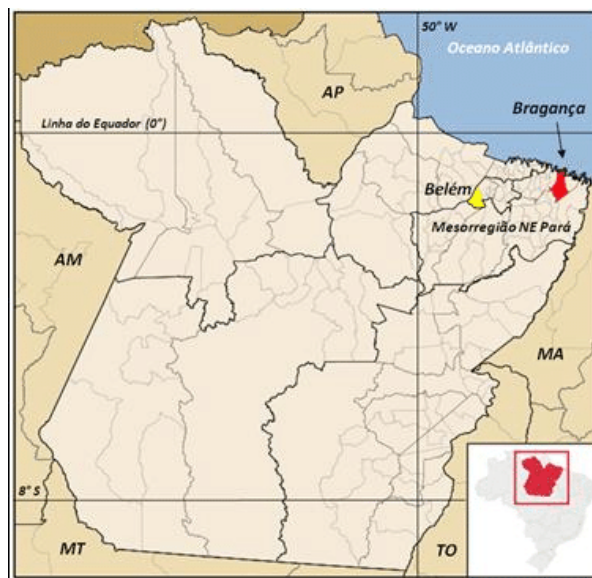
Com o passar dos anos, o banco foi se tornando o principal agente financeiro do governo federal para repasses de recursos com objetivo de fomentar toda a região Norte através do (FNO)- Fundo Constitucional de Financiamento do Norte – uma espécie de “mesada”, criada em 1989, com uma carência inicial de pagamento jamais vista em qualquer outro serviço financeiro, possibilitando aos mini, micro e pequenos produtores familiares e empresários da região, o acesso a uma fonte permanente e estável de financiamento com encargos diferenciados, resultando no crescimento de postos de trabalho e geração de renda.

É exatamente neste ponto que inserimos a Geografia como ciência que estuda a mudança do espaço geográfico do interior – no caso Bragança e regiões próximas – com a instituição Banco da Amazônia e sua presença vital e estratégica para o desenvolvimento econômico dos empreendimentos rurais e urbanos, especialmente, pelo fato da região norte representar 59% de todo o território brasileiro.

3.2. O Município de Bragança/PA e suas transformações

O município de Bragança-PA está localizado à nordeste do estado paraense, na margem esquerda do rio Caeté, com uma distância de pouco mais de três carro da capital Belém. Com sua população de pouco mais de 130 mil habitantes – Senso 2017 – é uma das cidades mais antigas do Estado do Pará, com quase quatro séculos de história.

Figura 07: Localização de Bragança – PA.



Fonte: IBGE (2014).

A cidade é conhecida pelo polo produtivo da pesca, inicialmente com a presença de pequenas vilas de pescadores, às margens do oceano atlântico, na praia de Ajuruteua, um vilarejo rodeado de manguezais conhecido pela pesca de peixes típicos de mar aberto como o Pargo e o Cação, e a captura do sururu e o caranguejo da “Pata Inchada”, todos devidamente higienizados e suas carnes filetadas para exportação.

Mas o que chamou a atenção foi a mudança, num curto espaço de tempo, da paisagem urbana bragantina e do aprimoramento das técnicas do pescado para transformação do filé tipo exportação. Com o aumento do investimento, as mudanças destes pequenos vilarejos de pescadores em cooperativas de pesca foram capazes de quadruplicar, em apenas três anos, toda a produção e venda a ponto de tornar-se município referência nesse tipo de produção, e o banco da Amazônia teve papel fundamental como agente fomentador desse processo de inovação.

Segundo Milton Santos em *Metamorfoses do Espaço Habitado* (1988, p. 24).

Em cada momento histórico os modos de fazer são diferentes, o trabalho humano vai tornando-se cada vez mais complexo exigindo mudanças correspondentes às inovações. Através das novas técnicas vemos a substituição de uma forma de trabalho por outra, de uma configuração territorial por outra.

E foi exatamente o que aconteceu naqueles cinco anos que estive morando e trabalhando na cidade de Bragança. Foi notória a adaptação do trabalho humano às inovações tecnológicas com conseqüente preocupação com aumento de produção, logística – com

construção de estradas, pontes e reforma do porto para o escoamento da produção – e até com o aumento da higiene no manuseio da carne de caranguejo, por exemplo, que antigamente era feita de forma manual pelas esposas dos pescadores, mordendo o casco das patolas cozidas, sugando com a própria boca e, logo em seguida, cuspidando numa panela para, depois que ferver novamente, ensacar e vender no quilo.

Figuras 08 e 09: Período de trabalho no Banco da Amazônia.



Fonte: Arquivo Pessoal (2010).

4. MUDANÇAS NA VIDA PROFISSIONAL, PESSOAL E ESTUDANTIL

4.1. O Banco do Brasil

Tem momentos da sua vida que você se pega pensando no que pode melhorar, tanto no âmbito profissional, planejando até onde você pode chegar numa empresa – No meu caso, já era coordenador da GESOP – Gerência de Operações Financeiras do Banco da Amazônia, na matriz da instituição em Belém, uma área estritamente estratégica do banco –, quanto no pessoal, pois no início de 2011 já tinha sido transferido de Bragança/PA para a capital, Belém, exatamente para assumir o cargo oferecido, mas com o tempo, sentia que minha esposa e filhos não eram felizes na “cidade das mangueiras” ou “portal da Amazônia”, como a capital paraense é popularmente conhecida, e vez ou outra o assunto “*quando vamos voltar para Fortaleza?*” vinha à tona.

Era um período de pujança econômica no País e a realização de concursos públicos era frequente. Me inscrevi para alguns em âmbito federal, ainda na área bancária, pois já tinha alguma experiência que poderia ser aproveitada, e sabia que num futuro poderia ser transferido para a capital cearense, coisa que nunca aconteceria trabalhando num banco restrito apenas à região Norte do país.

Obtive sucesso em dois certames, um foi na Caixa Econômica Federal e outro no Banco do Brasil. Ambos realizados pelo Cespe/UNB cujos resultados finais e nomeações saíram no mesmo período, porém com localidade de trabalho bem distantes. Na Caixa, fui lotado numa cidade chamada Itupiranga-PA, no Sudeste paraense próximo à Marabá, a cerca de 600km de Belém, nas margens do rio Tocantins, muito mais longe do objetivo que era a volta para Fortaleza. Não compareci nem mesmo na posse, até porque sabia que o Banco do Brasil me chamaria a qualquer momento, e pensava que qualquer cidade que me oferecesse seria melhor que Itupiranga, pois não estava desesperado nem desempregado, então esperei acontecer.

Não tardou e logo recebi um telegrama para me apresentar à Superintendência do Banco do Brasil em São Luís/MA. Comemoramos em família, pois era a real chance de voltar para o Nordeste e quem sabe para Fortaleza. Pedi meu desligamento do BASA/SA e em menos de sessenta dias, ainda na primeira metade do ano de 2011, comecei a trabalhar na minha nova empreitada. A cor do crachá deixou de ser verde, do Banco da Amazônia, para amarelo, do Banco do Brasil.

Figuras 10 e 11: Mudança de crachás, porém permaneci na mesma atividade financeira, agora no Banco do Brasil S/A



Fonte: Arquivo Pessoal (2012).

Mas como tudo na vida não são flores, após o treinamento na capital do Maranhão, os quase cem candidatos recém-empossados seriam distribuídos por todo Nordeste. Tinha prioridade de escolha os candidatos com melhor colocação no concurso, e minha posição, 81º, só me deixou como opção cidades do interior do Maranhão ou Piauí, e após muita conversa e planejamento, decidimos pela opção mais próxima de uma capital, onde teria uma Universidade Federal que aceitasse a transferência do meu curso de Licenciatura em Geografia, ainda em andamento, e pudesse claro, alojar minha família com segurança.

A cidade então escolhida foi Rosário/MA, a pouco mais de uma hora da capital São Luís.

4.2. Rosário e sua transformação geográfica e populacional

A pequena cidade de Rosário no Maranhão, situada a 60 km da capital do estado, possui uma área de 685,036 km² e sua população estimada em 42.016 habitantes (IBGE – 2016), é cortada ao meio pelo rio Itapecuru que em seguida tem sua foz na Baía do Arraial.

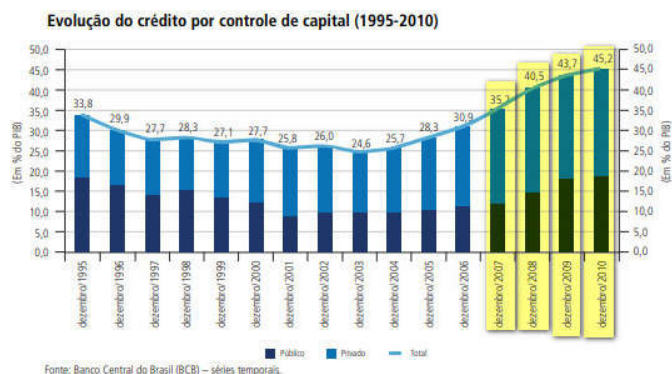
Figura 12: Localização de Rosário – MA.



Fonte: IBGE (2016)

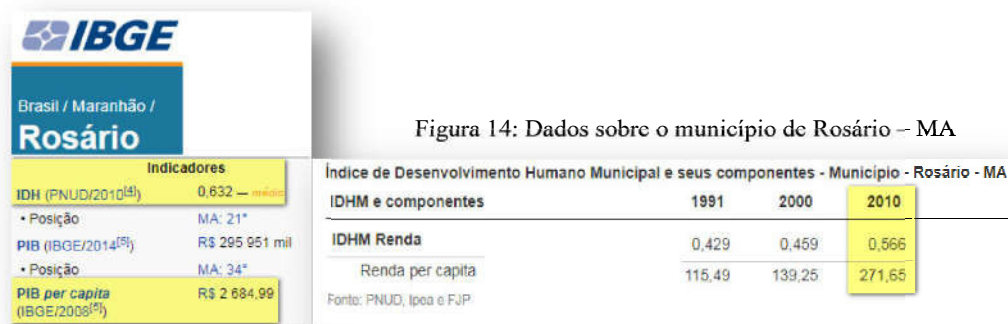
O ano era 2011 e o acesso ao crédito no Brasil passava por expressiva transformação na primeira década deste século, desde o primeiro mandato do ex-presidente Lula (de 2002 à 2006) e em especial, a partir do segundo mandato (2006 à 2010) conforme mostra o gráfico do Banco Central abaixo.

Figura 13: Evolução do crédito no Brasil, em especial no final Governo Lula



O aumento do crédito à pessoa física deu-se por intermédio do crédito livre e desburocratizado – na linguagem bancária dizíamos que o dinheiro estava barato – e pôde ser atribuída ao aumento do crédito consignado, ao financiamento de veículos-financiamentos em até 108 meses – e nas mudanças institucionais que contribuíram para a decisão do sistema financeiro nacional de expandir a oferta de crédito, com recursos livres, à pessoa física, e o Banco do Brasil era a instituição bancária responsável por essa “facilidade de acesso ao dinheiro” em cidades com menos de cem mil habitantes. É nesse ponto que entra minha observação na transformação social e geográfica na cidade de Rosário, do momento que cheguei, na metade do ano de 2011 até o fim de 2013.

Em 2010, esse município maranhense, segundo dados do senso (IBGE-PNUD 2010), possuía na soma de todos os bens e serviços finais produzidos – o chamado PIB *per capita* em nível nacional – o valor de R\$ 2.684,99 e um índice de desenvolvimento humano IDH médio (dado estatístico composto a partir de dados de expectativa de vida ao nascer, educação e PIB *per capita* - como um indicador do padrão de vida - recolhidos em nível nacional) de 0,632 e numa crescente de IDH-m (índice de desenvolvimento *per capita* por município) de R\$ 139,25 em 2000 para R\$ 271,65 em 2010, conforme mostram os gráficos figura 14 retirados do site IBGE;



Fonte: IBGE (2010)

Com incentivos ao crédito por parte do governo federal e facilidade ao acesso para a população de baixa renda, a demanda por atendimento na agência aumentou significativamente num curto período de tempo. Mesmo para aqueles funcionários mais experientes em atendimento ao público, a quantidade de pessoas atendidas por hora já era de longe a maior de todos os tempos.

As agências foram autorizadas a abrir mais cedo e fechar até duas horas mais tarde para poder atender a demanda. Algo muito parecido com o que está acontecendo hoje com o

pagamento social do auxílio emergencial, mas agora em outra instituição, a CAIXA. Utilizam o mesmo meio de distribuição, porém com fins (objetivos) diferentes. Naquela época era para aquecer a economia, hoje é para sobrevivência.

No final do governo Lula e início do governo Dilma, a ordem era injetar dinheiro na economia interna fazendo aquecer o setor produtivo e, em consequência, o consumidor final, pois não podemos esquecer que naquele período o mundo inteiro encontrava-se em estagnação econômica e o Brasil era a exceção com o mercado interno aquecido e o povo brasileiro com liquidez e facilidade ao crédito.

Diante da estratégia da equipe econômica brasileira, a frase dita na época pelo ex presidente Lula para minimizar o “*Tsunami*” dos efeitos da crise financeira/imobiliária americana aqui no Brasil, chamando aquela “*grande onda*” de “*Marolinha*” demonstrou fazer muito sentido com o passar dos anos, pois a recessão no Brasil durou apenas um semestre, com um o aumento de 1,9% do PIB no segundo semestre já de 2010, além da recuperação da Bolsa de Valores de São Paulo e do Real, ou seja, na época a confiança do consumidor brasileiro jamais chegou a ser abalada.

Segundo o jornal *Le Monde*, da França, em artigo intitulado "A retomada do crescimento mundial se baseia nos Brics" (17 setembro de 2009, p. 04).

A rápida recuperação do Brasil demonstra a precisão cirúrgica da estratégia adotada pelo governo e concentrada no apoio do mercado interno. As reduções de impostos a favor das indústrias de automóveis e de eletrodomésticos mantiveram as vendas nestes dois setores cruciais.

Comparando esse cenário macroeconômico nacional com a cidade de Rosário, no Maranhão, observamos que não houve discrepância na aplicação microeconômica no que tange a economia e o desenvolvimento geográfico local, afinal era uma tendência por todo o país baratear e desburocratizar o acesso ao crédito, como já explicado anteriormente, e em pouco tempo, os resultados foram aparecendo. Como numa engrenagem onde tudo se encaixa de forma milimétrica (Economia – Emprego – Desenvolvimento Social) e o povo com dinheiro na mão, este pequeno município Maranhense atraiu a atenção de pessoas de todo o País em busca da estabilidade financeira e realização pessoal.

Figura 15: PIB Per Capita de Rosário – MA em 2017.



Fonte: Site do IBGE.

Milton Santos em seu livro *O Espaço Dividido: os dois circuitos da economia urbana* (1978), desenvolve uma teoria sobre o espaço geográfico urbano e o subdesenvolvimento.

Ele chama a atenção para o fato de que devemos considerar as modernizações como o único modo de levar em conta as implicações temporais da organização do espaço, especialmente no Terceiro Mundo – Imaginamos a cidade de Rosário como exemplo. Segundo Milton Santos (1978, p. 23).

Por modernização entende-se a generalização de uma inovação vinda de um período anterior ou da fase imediatamente precedente. Considerando que cada período é caracterizado pela existência de um conjunto coerente de elementos de ordem econômica, social, política e moral, que constituem um verdadeiro sistema, sugiro que devemos realizar uma divisão do tempo em períodos para reconhecer a existência da sucessão de modernizações, que seria a própria história das modernizações.

Portanto é fato que com o acesso ao crédito e uma boa vontade política, a geografia social, urbana e até física daquele pequeno município maranhense mudou, cresceu e se modernizou em apenas uma década, tendo como consequência a transformação da sua paisagem, seja com aumento populacional, na abertura de fábricas de cerâmica e construção de estradas e pontes que ligavam à capital, seja na inauguração de mais escolas com realização de concurso público para professores e outros cargos administrativos, Rosário no Maranhão, obteve uma significativa melhora na qualidade de vida de seus cidadãos.

5. DE VOLTA À *TERRA DO SOL*

O ano já era 2013, não demorou a, enfim, retornarmos com toda a família para Fortaleza, no Ceará. Um planejamento minucioso, arquitetado desde o dia que arrumei as malas, quase dez anos antes, rumo ao estado do Pará para assumir meu primeiro cargo num concurso público, pois saíra do Ceará já pensando na volta. No Banco do Brasil o prazo mínimo para a solicitação de transferência de posto de trabalho é de 24 meses seguidos. Já estava no Maranhão há pouco mais de dois anos e, na época, lembro de ficar muito ansioso para o resultado final da próxima janela de transferência do banco.

Lembro como se fosse hoje a feição de surpresa da minha esposa quando cheguei em casa e disse para vender tudo que fosse 110*Volts*. Sem entender nada, ela me perguntou o que tinha acontecido de tão urgente que precisaríamos vender nossos eletrodomésticos. Quando respondi que a voltagem elétrica em Fortaleza era 220 *Volts* ela parou, pensou e enfim, seus olhos ficaram marejados e então o abraço coletivo foi inesquecível, pois naquele exato momento, na sala de casa, estavam cinco pessoas... Eu, meus dois filhos e minha esposa, já com quase nove meses, aguardando a chegada do nosso mais novo caçulinha.

Já estabelecido na capital do Ceará, a prioridade agora era tentar na universidade a matrícula e o aproveitamento de disciplinas da minha graduação em Licenciatura em Geografia, iniciada ainda lá em Belém/PA na UFPA e transferida para a UFMA em São Luís/MA, porém trancada por três semestres consecutivos, porque não tive condições de conciliar o trabalho no Banco do Brasil com as idas e vindas do interior para o campus na capital Maranhense.

Minha escolha em Fortaleza foi a Universidade Estadual do Ceará - UECE – porque, afinal, o curso era noturno e poderia conciliar sem prejudicar meu horário de trabalho. Minha real vontade era continuar numa federal, pois já havia passado por duas belas universidades federais. Pura bobagem, porém, confesso que tinha certo preconceito da UECE por saber que nela, o aluno nunca concluiria seu curso no período correto, muito em função das greves de professores e funcionários administrativos que eram sempre frequentes. Não critico os motivos das paralisações, mas sim a demora do governo estadual em resolvê-las. Cheguei a passar por uma greve que duraram nove meses – uma gestação – e isso para um aluno que pretende concluir seu curso o mais rápido possível é um pesadelo.

6. REMANDO TUDO DE NOVO: AGORA É GEOGRAFIA NA VEIA

6.1. A licenciatura em geografia na UECE

Entrei na UECE no início de 2014 prestando mais uma vez o concurso vestibular e ficando dentre as quinze vagas para ampla concorrência. Logo nos primeiros dias de aula fui à coordenação com o histórico do curso debaixo do braço a fim de aproveitar quase quatro semestres de curso já realizado, dei entrada e aguardei o retorno.

Resultado: zero aproveitamento! Não consegui aproveitar nada da graduação em Geografia no período que estudei, tanto na Federal do Pará quanto do Maranhão. O motivo alegado foi que, em ambas, o curso de geografia era de Licenciatura e Bacharelado juntos, e aqui no Ceará são cursos distintos com carga horária e períodos diferentes, que além de não bater com as da estadual, as ementas não davam de encontro na maioria das disciplinas, visto que o curso de Geografia daqui pertence ao departamento de ensino de tecnologia e não de humanas como nas duas que tinha estudado. Enfim, não aproveitei nem as introdutórias à filosofia ou sociologia. A solução foi remar o barco tudo de novo, desde o início.

Se analisarmos pelo lado do tempo, em que tudo o que foi visto foi perdido realmente dava uma tristeza, porém visto pelo lado do conhecimento, seria a oportunidade de rever disciplinas com mais calma e por outros professores, com diferentes pontos de vista em diversas atividades. Vi a oportunidade de estudar e aprender de forma mais dedicada à licenciatura, pois assim não sofreria tantas interferências do meu trabalho no banco – principalmente com o horário, evitando atrasos e até faltas. Agora era Geografia na veia. O foco era só ela, única e exclusiva.

Mas para quem não conhece a Universidade Estadual do Ceará, algumas considerações. Apesar de ter cursos nos três períodos do dia, a grande maioria das vagas e, conseqüentemente, o maior número de alunos inscritos, são no horário noturno, principalmente no campus do Itaperí, onde fica o centro de ciência e tecnologia CCT – e o curso de geografia, tanto licenciatura quanto bacharelado. Diferente da UFC/CE onde a esmagadora maioria dos cursos são no horário comercial de trabalho, *impossibilitado*, ou, vamos lá melhorar o gerúndio, *limitando* seus alunos a se dedicarem apenas aos estudos, na UECE você encontra muitos estudantes, como eu, que estão no seu terceiro período produtivo, que trabalham durante dia e estudam à noite.

Diante disso ou, por causa disso, mesmo diante de todas as dificuldades estruturais que a universidade apresentava como insegurança, falta de luz nas áreas próximas aos blocos, falta

de estrutura em sala de aula com cadeiras quebradas, quadro branco sem pincel e apagador – era comum ver professores apagando a lousa com papel - e ventiladores quebrados (Nessa época em pleno 2016 só o bloco da saúde era climatizado), mas apesar de todos esses contratemplos, era notório o interesse e atenção às aulas, tanto da parte docente, quanto dos alunos.

Eram raras as interrupções por qualquer outro motivo que não fosse em interesse da aula e parecia que os professores, sejam titulares ou substitutos, por saberem dessa condição da maioria dos alunos, colocavam a faca nos dentes e davam show de aula. Não tenho um relato de professor insensível ou arrogante nos quase três anos que estive na UECE.

Como disse antes, de todas as disciplinas vistas na grade curricular de um estudante da graduação, menos de 30% delas são tão marcantes e inesquecíveis a ponto do aluno – ou futuro professor – se interessar em seguir uma linha de pensamento ou até mesmo em se especializar, seja num mestrado ou doutorado.

Alguns professores da UECE, seus ensinamentos ou autores indicados por eles que, de alguma forma, me marcaram e aprofundaram meu interesse na geografia serão lembrados por aqui, em especial aqueles que faziam um paralelo da disciplina com as suas experiências de vida e que remetiam às minhas experiências.

Figuras 16 e 17: Fachada de entrada da UECE e o bloco “G” da Geografia



Fonte: Arquivo Pessoal (2014).

6.2. Pedologia e o professor Elton: “*Se não gostar de gente, não seja professor!*”

Meu primeiro exemplo será a disciplina Pedologia, com o professor Elton Castelo Benevides, agrônomo formado pela UFC-CE com mestrado em geografia pela UECE, um dos professores mais experiente da academia e também um dos maiores contadores de “*causos*” que eu conheci numa sala de aula. Confesso que, apesar de muito interessante, este ramo da Geografia Física onde aprendemos as características gerais dos solos, levantamentos exploratórios e até técnicas de manejo, não me chamou tanta atenção quanto às vivências e histórias do professor.

Incontáveis foram as vezes que ficávamos conversando depois das aulas, não apenas sobre o estudo dos solos no seu ambiente natural, mas sobre experiências de vida e sua e sempre, ao final, com uma orientação para os futuros professores, uma delas dita com tanta repetição e veemência que se tornara um bordão – *Queridos alunos, se algum de vocês não gostarem de gente, não sejam professores...* Coincidência ou não, no final do semestre notamos que pelo menos três ou quatro colegas tinham trocado de curso.

Pena que têm professores que passam rapidamente por nossa vida estudantil como a estação chuvosa aqui do nosso Ceará e o professor Elton foi essa chuva que refrescava e trazia conhecimento e esperança, muito obrigado mestre.

6.3. “*Mar calmo não faz bom marinheiro*”. Fábio Perdigão e a oceanografia

Com aulas bem reflexivas e sempre com frases de impacto, este *marinheiro*, como se intitulava, professor de Oceanografia Fábio Perdigão Vasconcelos, graduado em engenharia de pesca pela UFC-CE com especialização em oceanografia pela USP-SP e *pós doc* em ciências exatas e da terra em Nantes/França seguia uma linha de ensino bem parecida do decano professor Elton de pedologia, trabalhando com muita teoria, porém com histórias de vida e exemplos que agregavam ao nosso conhecimento, além de alguns trabalhos de campo inesquecíveis.

Oceanografia não era disciplina obrigatória na grade, nem por isso menos importante. O professor Fábio Perdigão naquele período já era responsável por outras atividades administrativas na universidade, como a organização do processo de vestibular, e imaginávamos o quanto era difícil conciliar com as aulas, por isso aproveitava cada minuto de aula. Dentre os assuntos apresentados, o uso e ocupação da zona costeira brasileira era constantemente debatido, em especial a ocupação aqui no estado do Ceará, com direito a

visitas em alguns pontos turísticos - como a praia do Icarai - e o porto do Mucuripe em Fortaleza.

Observávamos com os trabalhos de campo que a ocupação não sustentável ao longo das costas brasileiras, em especial aqui do Ceará, tinha intensificado e acelerado processos de erosão das praias, de poluição de mares, lagoas, estuários e até descaracterização da cultura local, que segundo Fábio Perdigão em artigo publicado (2017, p. 15 - 16) no periódico Conexões – Ciência e Tecnologia dizia,

[...] o litoral, apesar de ser detentor de uma variedade de opções no que diz respeito ao desenvolvimento econômico, dentre elas, a pesca, a agricultura, a indústria, a carcinicultura e o turismo, vem se limitando, na maioria das vezes, ao desenvolvimento de forma não planejada e não participativa, configurando assim, o distanciamento do tão almejado desenvolvimento sustentado. (p. 15).

Fábio Perdigão faz ainda a observação que:

[...] o turismo como atividade redentora da economia das áreas litorâneas, só tem grandes possibilidades de concretização, quando trabalhado na perspectiva do desenvolvimento local, comunitário, e em parceria e/ou concomitante com as atividades tradicionais de forma a não anular atividades que já existam no lugar[...] (p. 16).

Durante o semestre tivemos algumas aulas de campo que facilitaram nosso aprendizado pois assim poderíamos observar de forma empírica a ação do homem no nosso litoral e suas consequências, positivas ou negativas.

Figuras 18,19,20 e 21: Trabalho de campo de Oceanografia no Porto do Mucuripe/CE



Fonte: Arquivo Pessoal (2015).

6.4. As oficinas pedagógicas I e II e os princípios de prática docente

Foi na UECE que tive as melhores experiências de iniciação numa sala de aula. Disciplinas como princípio de práticas docentes e as oficinas I e II que, além de trabalhar a *práxis* do que seja desde a elaboração de um plano de aula para execução através de material cartográfico (Oficina I) ou material audiovisual (Oficina II), à escolha de escolas do ensino básico e fundamental I com participações em eventos e seminários escolares, foram imprescindíveis para a nossa iniciação à prática docente.

Meu primeiro contato com alunos da rede pública foi na *Escola Filantrópica de Ensino Infantil Instituto Irmã Giuliana Galli*, localizado no Bairro Serrinha, bem próximo à UECE. O projeto pertencia à disciplina princípios de prática docente, ministrada pela professora Rejanny Mesquita Martins Rosa, conhecida na academia como professora Rejanny. Nele, o objetivo era procurar escolas - de preferência públicas, da prefeitura de Fortaleza, e escolher aquela que apresentasse uma abordagem sociocultural e trabalhasse didáticas temáticas atuais incentivando o trabalho em equipe com apresentação cartográfica, além de desenvolver a prática da *interdisciplinaridade* (Palavra que ainda não tinha ouvido relacionada à educação) com apresentação de problemas do cotidiano dos alunos com a prática de ensino dos professores.

Escolhida a escola e projeto posto em ação, não foi difícil alinhar a prática que as oficinas carregam junto aos pequenos alunos, muito alinhado com o que diz VIEIRA (2002) quando afirma que:

Na prática docente surge um novo tipo de comunicação entre professores e alunos. É formada uma equipe de trabalho, onde cada um contribui com sua experiência. O professor é dirigente, mas também aprendiz. Cabe a ele diagnosticar o que cada participante sabe e promover o ir além do imediato. (VIEIRA; VALQUIND, 2002. p.17).

Figuras 22 e 23: Projeto princípios de prática docente – Visita à escola com alunos do ensino básico



Fonte: Arquivo Pessoal (2015).

As oficinas pedagógicas iniciais foram indispensáveis e altamente produtivas. Esta prática foi capaz de proporcionar aprendizagens mais participativas, pois “*valorizava a construção do conhecimento de forma participativa e questionadora, baseada em situações do cotidiano do aluno*” (NASCIMENTO et al., 2007).

Há vários modos de ministrar uma oficina, porém, era necessário atentar-se ao planejamento da tarefa ou atividade a ser realizada, pois os alunos eram muito jovens e qualquer ruído era motivo de paralisação da aula. A oficina tinha de ser uma atividade com um objetivo bem definido, embora possuísse como característica um planejamento atento a esses desvios de atenção.

Nas oficinas I e II, agora com a professora Cleide Galvão, a ênfase foi a discussão com os alunos do fundamental II sobre suas habilidades (cartográficas e com audiovisual) que gostariam de desenvolver, organizando turmas em grupos por afinidade – aumentando a interação - ou ainda evoluindo no planejamento e organização da oficina, com respectivos registros das atividades para enfim, ao final,exibir o que foi desenvolvido, analisando os registros e averiguando o progresso individual e coletivo nas habilidades que foram apresentadas. Eu dizia que essa etapa parecia uma espécie de *trainee* (termo da administração) do futuro professor, etapa mais participativa e que colocava em prática os aprendizados teóricos adquiridos em sala.

Figuras 24 e 25: Projeto Oficina I e II – Planejamento para a escolha dos métodos de ensino junto aos professores



Fonte: Arquivo Pessoal (2016).

Qualquer atividade realizada seja com material cartográfico, ou audiovisual, na prática, caracterizava uma boa estratégia de ensino a ser adotada com os alunos, de modo que, atividades práticas em grupo - que é o caso das oficinas – eram atividades que promoviam uma maior interação entre professores, alunos, e os objetos de estudo, sempre atentos ao modo com que uma atividade prática era aplicada, prestando sempre uma atenção especial ao planejamento e ao modo como era finalizada.

Valeu a pena, principalmente com a certeza que, a partir dali, ensinar e aprender seria

minha fonte de conhecimento de vida, e agradeço aos amigos conquistados, colegas e professores da UECE na minha primeira etapa de graduação (os quatro semestres iniciais) de licenciatura em geografia na estadual do Ceará.

Figura 26: Turma guerreira de futuros professores de Geografia na UECE junto à professora Camila Dutra, de Geografia agrária, atual coordenadora do curso na Estadual do Ceará.



Fonte: Arquivo Pessoal (2016).

6.5. Dil(e)ma e escolhas, a despedida da UECE: “Tchau Querida”

Como disse anteriormente, quando entrei na estadual em janeiro de 2014, já vinha de duas Universidades Federais: a UFPA, no Pará e a UFMA no Maranhão. Em ambas cursei Geografia e fui transferido a pedido pessoal por causa de escolhas de vida que tive que tomar. Quando finalmente consegui voltar para Fortaleza, a UECE foi a universidade escolhida porque o horário de aula não coincidia com horário do trabalho.

O problema estava em cinco letras G R E V E. Chegou num ponto que pensei que não iria me formar. O país em um cenário de caos político nacional com o iminente e injusto afastamento da presidenta Dilma, cercado de interesses escusos que mais adiante foram revelados, enquanto que aqui no Ceará, num intervalo de menos de dois anos, enfrentamos três paralisações na UECE. A última delas com duração de pouco mais de cinco meses, encerrada em outubro de 2016.

Como tenho filhos adolescentes, para estudarmos juntos e praticarmos de forma preliminar, todo ano me inscrevo para fazer as provas do ENEM e naquele ano tinha decidido fazer pra valer, precisava terminar meu curso e faltando apenas quatro semestres, escolhi concluí-lo na Universidade Federal do Ceará – UFC. Mais uma vez tive sucesso nas provas e fiquei dentre as vagas com ampla concorrência com o ano letivo iniciando ainda no primeiro trimestre de 2017. Mesmo curso das universidades anteriores, porém, que estrutura excelente

tem esta federal do Ceará, Deus do céu...

7. GEOGRAFIA NA UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ: ENFIM A CONCLUSÃO!

7.1. UFC: Paixão à primeira vista

Por já ter estudado em duas universidades públicas federais, tinha uma ideia de como poderia ser, em termos estruturais de suporte ao estudante, a UFC/CE. Apesar de ter morado em Fortaleza, nunca tinha entrado no Campus do Pici – local geográfico do bloco da Geografia, licenciatura e bacharelado.

Fiquei encantado com tamanha estrutura que a universidade proporciona para seu aluno dedicar-se aos estudos. Desde a biblioteca climatizada com espaços amplos e confortáveis, ao restaurante universitário com excelente cardápio de muita qualidade a um valor muito pequeno para matriculados (e para alunos que apresentasse uma declaração de hipossuficiência, nada era cobrado) e as salas de aula também climatizadas, todas! (Estava vindo da UECE).

Figura 27: Fachada de entrada do bloco da Geografia na UFC/CE no Campus do Pici



Fonte: Arquivo Pessoal (2016).

Me matriculei no máximo de disciplinas possíveis e aqui uma explicação. Na UECE, quando tentei aproveitar as disciplinas que já havia feito nas federais, minha solicitação havia sido negada por motivos - que aceitei, mas não concordei - já explicados anteriormente. Na federal daqui todas foram aproveitadas. Tanto as realizadas na estadual, quanto das federais de fora, sem frescura, sem papo furado. A paixão pela UFC foi à primeira vista, agora faltava conhecer os professores.

Torno aqui dizer que na vida acadêmica discente conhecemos vários professores. Nos identificamos com uns, não gostamos de outros, mas o respeito e admiração permanecem por todos. Na UFC não foi diferente! De todas as disciplinas que faltavam, vou citar aqui apenas

as que tiveram professores que, para mim, fizeram toda a diferença trazendo, além do conhecimento e apresentação de autores que eu não os tinha lido ainda, uma troca de experiência com lições de como encarar a vida docente que nos aguardava. São eles: (em ordem de matrícula na disciplina) Professor Tiago Vieira de oficina geográfica III, que substituiu a professora Alexsandra - de licença maternidade, professor Levi Sampaio de geografia do Brasil e geografia do espaço mundial, - e a professora Edivani Barbosa de geografia e ensino II - Pesquisa - e dos estágios supervisionados, em especial o estágio IV – Ensino Médio.

7.2. Oficina geográfica III - Por uma geografia lúdica

No ano de 2017 tive a oportunidade de refazer a disciplina oficina geográfica III, agora com o professor Tiago Vieira Cavalcante, docente adjunto no Departamento de Geografia da Universidade Federal do Ceará com doutorado em Geografia pela UNESP, mestrado também em geografia pela UFC/CE e especialista em Ecoturismo pela UECE. Ainda no primeiro semestre tive uma experiência pouco produtiva na mesma disciplina, mais em função do choque de horário do meu trabalho no banco, que dava de encontro com horário da aula da professora Alexsandra Muniz, impedindo que eu acompanhasse a turma. Com o afastamento por licença maternidade da professora, o professor Tiago assume a disciplina já no segundo semestre de 2017.

Com aulas muito bem planejadas e um engajamento muito rápido com a turma, o jovem e muito carismático professor e, talvez por isso essa identificação tão rápida, logo no primeiro dia de aula apresentou caminhos para percorrermos durante todo o semestre na produção do material didático de geografia humana, com temáticas que integravam os conhecimentos geográficos com a vivência dos alunos e, a partir disso, viabilizava situações de estratégia pedagógica para o ensino da geografia na própria educação básica.

O método sugerido foi a criação de um jogo geográfico, apresentados em forma de seminário, um para cada grupo - já divididos na primeira aula - com o objetivo de interagir e interdisciplinar (esta não era mais uma palavra desconhecida para mim) os diferentes conhecimentos da geografia com outras disciplinas. Tiago Vieira, em sala de aula (2017) afirmou que:

O lúdico, isto é, o divertido, o criativo, tende a ser o apoio do professor para as suas aulas, sendo capaz de fazer com que o aluno apreenda uma geografia mais fluida, com sentido, discutindo conteúdos, trabalhando em equipe, estabelecendo laços com os seus colegas, o professor e o conhecimento geográfico. Esse é o desafio: não somente o de analisar distintas artes ou o de criar jogos que ocupem a mente do aluno, mas o de pensar uma geografia vivida, mais próxima de quem ensina e de quem aprende: uma geografia do professor-aluno e do aluno-professor. (CAVALCANTE, T. V, 2017, Plano de Ensino).

E isto dá de encontro quando falo da importância do trabalho das oficinas geográficas com a interdisciplinaridade ao ensino de Geografia que procura desenvolver no aluno a capacidade de observar, analisar, interpretar e pensar criticamente a realidade e as transformações junto ao processo de ensino-aprendizagem que acontece em sala de aula. “[...] cabe à Geografia levar a compreender o espaço produzido pela sociedade em que vivemos hoje, suas desigualdades e contradições, as relações de produção que nela se desenvolvem e a apropriação que essa sociedade faz da natureza”. (OLIVEIRA, 2003, p. 142).

Após as apresentações no final do semestre, depois de todos terem pensado e criado algum tipo de jogo didático, notamos uma maior integração com a turma. Colegas que eram notadamente fechados, introspectivos agora mais soltos e comunicativos. Se esse método lúdico provoca essa mudança comportamental em nós, futuros professores de geografia, o que dirá nos alunos em sala de aula. “[...] o material (jogo) é a oportunidade de explorá-lo como um instrumento que auxilia na desinibição do sujeito, tornando-o participativo e interessado, pois agora ele se sente incluído. Ainda que com dificuldades no discernimento da matéria, o estudante pode contar com o suporte dos colegas, ultrapassando os obstáculos e, desse modo, estará se divertindo e se tornará mais integrado e sociável.” (FLORENTINO, 2016).

7.3. A Geografia do Brasil inserida numa geografia do Espaço Mundial

Estudei as disciplinas Geografia do Brasil e Geografia do Espaço Mundial com o mesmo professor: Jose Levi Furtado Sampaio, docente dos mais conhecidos da universidade, muito querido no meio acadêmico. O professor Levi é graduado em geografia pela UFC/CE, com mestrado na UFPE, doutorado pela USP – ambos em geografia humana – e pós-doutorado na UFBA. Atualmente é professor associado IV da Universidade Federal do Ceará. Tem experiência na área de Geociências, Ciências Humana com ênfase em Geografia Agrária, atuando principalmente nos seguintes temas: espaço agrário, assentamentos, relações sociedade natureza, quilombolas, indígenas, pescadores, educação do campo e educação ambiental. Mesmo diante de todos os títulos e de toda experiência, o legado que ficou para

mim foi além de professor.

Muito ativo nas causas sociais, sempre na defesa dos mais necessitados ou excluídos, de voz mansa e sempre prestativo, o professor Levi Sampaio mostrou por dois semestres (em duas disciplinas distintas), o espelho de professor que busco ser, que pretendo um dia me tornar.

Figuras 28, 29, 30 e 31: Professor Levi, recebendo a *benção* do “*padim ciço*”, e ao meu lado em Paulo Afonso/BA. Visita à tribo indígena “Truka-Tupan” e parados num trecho da ferrovia Transnordestina no Ceará.



Fonte: Acervo Pessoal (2017).

7.3.1. O Trabalho de campo: Serra Talhada e a “*Casa*” do Rei do Cangaço

Às vezes damos de encontro com certas situações na nossa vida que precisam que tomemos decisões que podem ser positivas a nosso favor, ou dar muito errado, mesmo analisado todas as arestas. Aquela dúvida que me tirava o sono quando decidi sair da UECE para a Federal do Ceará, foi transformado em certeza de ter feito uma boa escolha quando, na metade de 2017, na disciplina Geografia do Brasil, participei da melhor viagem de campo de todo o curso de geografia.

Sáimos de Fortaleza num ônibus lotado de estudantes de geografia rumo à usina hidrelétrica de Paulo Afonso/BA, percorrendo parte do trecho da transposição das águas do Rio São Francisco, passando pela subestação de Luiz Gonzaga em Jatobá/PE e usina Xingó - localizada entre o município de Piranhas/AL e Canindé de São Francisco/SE.

Antes de chegar ao nosso destino, fizemos várias paradas em cidades menores para que conhecêssemos algumas de suas características que seriam perguntadas pelo professor ainda dentro do ônibus. Eu fiquei responsável por falar do município de Serra Talhada/PE e de seu filho mais conhecido, Virgulino Ferreira da Silva – o Lampião. Chegando lá, conhecemos o museu da *Casa do Rei do Cangaço* onde vimos algumas das armas utilizadas pelo bando e assistimos apresentações de *Xaxado* (Dança típica criada pelos cangaceiros) e, paralelo a tudo isso, o professor Levi desenvolvia atividades dentro do contexto histórico que presenciávamos. Todo aquele universo me encantou de tal forma que me remeteu as falas de Callai (1988) quando disse:

“[...]durante o tempo em que se desenvolve todo o processo do trabalho de campo (planejamento, execução, análises e relatórios), o professor deve ter a preocupação constante de situar a atividade que está sendo desenvolvida dentro do contexto dos objetivos pelos quais estão sendo desenvolvidas as tarefas. Isto é necessário para se evitar o “fazer pelo fazer” apenas.

Figuras 32 e 33: Nosso ônibus da UFC antes da parada no *Museudo Cangaço* – Serra Talhada/PE



Fonte: Acervo Pessoal (2017).

Figuras 34, 35, 36, 37, 38 e 39: Utensílios da época de Lampião e a turma reunida com o grupo de dança local



Fonte: Acervo Pessoal (2017).

7.3.2. Professor Levi apresenta-nos o “Velho Chico” e a Grotta de Angicos

Deixamos a cidade natal de “*Virgulino*” logo após as apresentações no museu, seguindo direto para a cidade de Paulo Afonso na Bahia para conhecer o complexo hidrelétrico de Paulo Afonso, um agrupamento de usinas que se encontram no mesmo represamento e que recebem água do reservatório de Moxotó através de um canal de derivação instalada no rio São Francisco, principal rio da região nordestina, com extensão de 3.200 km, desde sua nascente na Serra da Canastra em Minas Gerais, até sua foz em Piaçabuçu/AL e Brejo Grande/SE.

Figuras 40 e 41: Água turbinada do reservatório de Moxotó seguindo pelo canyon para a Usina de Xingó



Fonte: Acervo Pessoal (2017).

Tudo no complexo era de proporções acima do normal, seus muros, seus túneis, motores de propulsão. Caminhamos por toda a estrutura fazendo as observações e anotando o que era dito de mais importante pelo professor junto ao guia para as apresentações ao final do dia. Conforme algumas anotações que consegui pegar, a Usina Paulo Afonso I é constituída de 3 unidades geradoras acionadas por turbinas *Francis*, com potência unitária de 60.000 kW, totalizando 180.001 kW. Constituído de uma barragem do tipo gravidade em concreto armado, com altura máxima de 20 m e comprimento total da crista de 4.707m. A energia gerada é transmitida por uma subestação elevadora associado às estruturas de escavada em rocha sólida, com profundidade aproximada de 80m.

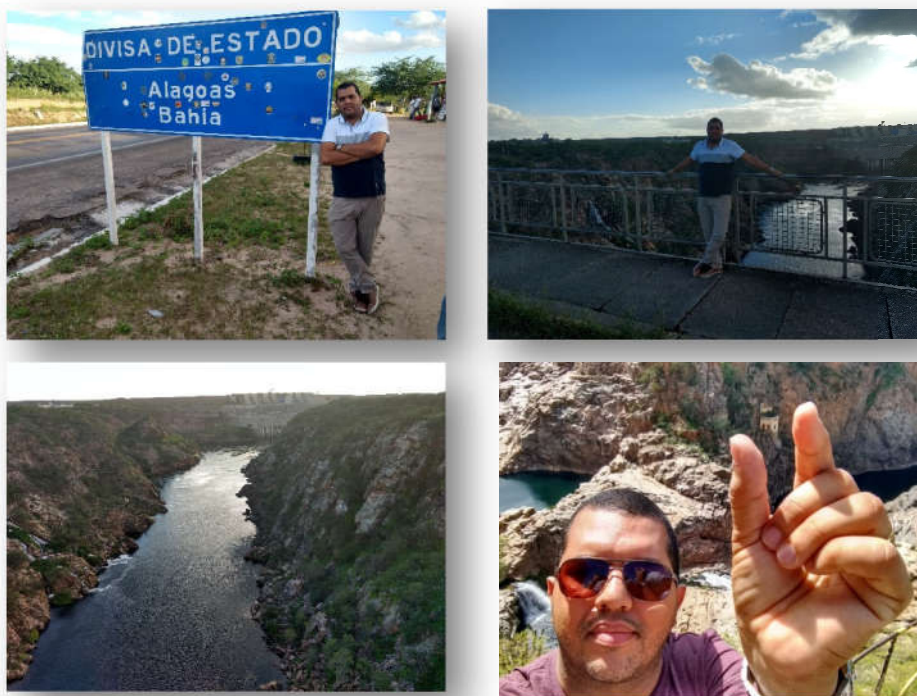
Figuras 42 e 43: Pausa numa rocha para ouvir o guia e por dentro das enormes turbinas geradoras de energia



Fonte: Acervo Pessoal (2017).

Ao final da tarde, depois de conhecermos todo o complexo e debatermos sobre sua importância - proporcional ao tamanho de toda uma estrutura que possibilita a transformação de água do Rio São Francisco em energia - na nossa região Nordeste, ficou muito claro o porquê de chamarmos o “velho chico” de rio da integração nacional. Suas águas banham cinco estados brasileiros: Minas Gerais, Bahia, Pernambuco, Alagoas e Sergipe. O que ficou para mim é que sua importância vai além de sua condição histórica e complexa produção de energia. O rio carrega a responsabilidade de garantir desenvolvimento econômico na região por causa da sua localização bem no semiárido nordestino e ainda hoje, é uma das poucas fontes de água potável para uma enorme quantidade de pessoas.

Figuras 44,45,46 e 47: Com o “*Velho Chico*” nas divisas dos estados de Alagoas e Bahia.

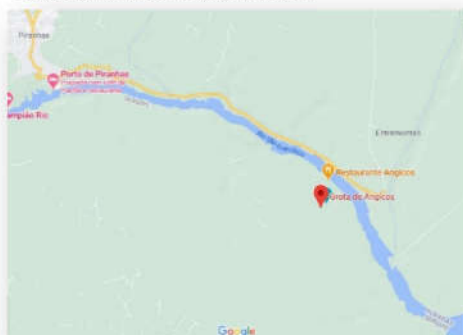


Fonte: Acervo Pessoal (2017).

Seguimos viagem agora em direção à cidade de Piranhas – município histórico de Alagoas - para embarcar num catamarã até a Grota de Angicos, no município de Poço Redondo/SE, na rota do cangaço, no mesmo trajeto que a *volante* (como era chamado as forças policiais na época) fez para chegar até o bando de Lampião e decapitá-los. Com direito a navegação pelas águas do Rio São Francisco, a travessia dura em média 30 minutos, tempo suficiente para contemplarmos toda a paisagem de morros de paredões rochosos cobertos pela vegetação da caatinga. “[...] o domínio das Caatingas apresenta uma característica peculiar. É o único ecossistema que se apresenta única e exclusivamente no território brasileiro, sua vegetação é extremamente diversificada, incluindo, além das caatingas, vários ambientes associados (enclaves)” (ALVES, 2007).

Entre um trecho e outro, vimos vários moradores com suas famílias que vinham das pequenas embarcações ou até mesmo pescadores que tiram o sustento do rio. Este foi o momento na viagem de muita tranquilidade e interação do grupo.

Figuras 48 e 49: Mapa e imagem de satélite do trecho Piranhas/AL - Praia da Forquilha/SE



Fonte: Google Maps (2020).

Figuras 50 e 51: Com toda a turma na travessia junto ao professor Levi Sampaio



Fonte: Acervo Pessoal (2017).

Após atracarmos na praia da Forquilha, chegamos a um local com estrutura rústica, muito agradável, com restaurante e lojinha, que contextualizava com o cenário da caatinga. Deste ponto até a Grota de Angico são aproximadamente 700 metros por uma trilha estreita com uma vegetação bem preservada. No trajeto, havia pontos para descanso e muitos relatos sobre o que ocorreu no dia em que treze cangaceiros do bando foram emboscados, mortos e decapitados.

O que mais chamou atenção foi o domínio da vegetação de caatinga ainda muito virgem, “Ao domínio morfoclimático das caatingas, soma-se aos demais cinco domínios inscritos no território brasileiro, sendo estes, uma herança de processos fisiográficos e biológicos e patrimônio coletivo dos povos que historicamente os herdaram” Ab'Saber (2003), que continua “[...] no tocante ao domínio das caatingas semiáridas, é notável a participação da ocorrência de compartimentos de relevo e a configuração ambiental imbricada nestes. Tem como características morfológicas, preponderantemente as superfícies pediplanadas, por vezes interrompidas por ocorrência de maciços e cristas residuais, planaltos e chapadas sedimentares, bem como, bordejadas pela fímbria litorânea à retaguarda do Oceano Atlântico[...].”

Figuras 52,53 e 54: A trilha ainda com mata virgem da caatinga e com o guia contando os detalhes da batalha sangrenta.



Figuras 55,56 e 57: Sempre os dois lados da história: O local onde morreu Lampião junto à lápide do volante que, segundo o guia e alguns historiadores, teria sido seu executor.



Fonte: Acervo Pessoal (2017).

Após a trilha, fomos no restaurante Angicos onde pudemos desfrutar do banho no Rio São Francisco e das iguarias bem peculiares do sertão como a farofa cangaceira, geléia de xique-xique (cactos), o sabor não é dos melhores, e depois o caminho de volta até Piranhas/AL, uma cidade pequena, aconchegante que, de qualquer forma, é impensável visitá-la e deixar de conhecer a Grota de Angicos, local tão importante para a história do cangaço e do nosso próprio país.

Figuras 58,59 e 60: Restaurante Angicos, à beira do rio São Francisco, no museu do cangaço e agência do BB em Piranhas/AL



Fonte: Acervo Pessoal (2017).

7.4. O Estágio curricular em geografia IV (Ensino Médio)

Falo com muito carinho e admiração da professora Maria Edivani Silva Barbosa, profissional que possui Doutorado em Educação Brasileira pela Faculdade de Educação da Universidade Federal do Ceará-UFC, com Licenciatura Plena em Ciências Sociais pela Fundação Universidade Regional do Rio Grande do Norte e ainda Licenciatura Plena com Bacharelado em Geografia/UFC e Mestrado em Geografia pela UECE/CE.

Coordenadora de área do subprojeto de Geografia do PIBID - Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência – da UFC/CE e proporcional à sua experiência acadêmica na formação de professores, currículo e ensino de geografia, estágio supervisionado e prática de ensino, está a excelência do que é ser um discente com a arte e o dom de ensinar, principalmente alunos formandos em licenciatura. Foi minha professora em duas disciplinas na UFC, geografia e ensino II e no estágio curricular em geografia IV, cadeiras imprescindíveis na formação do professor.

Nesta última, realizada no segundo semestre de 2018 – data derradeira para minha conclusão do curso de licenciatura em geografia – aconteceram encontros de mediação e discussão de ementas e metodologia de ensino na escola escolhida, com discussão da carga horária e, no final, a apresentação de um portfólio.

Com o objetivo de identificar, fixar e desenvolver a habilidade de avaliação do meu próprio desempenho em atividades docentes, não apenas do estágio IV, mas desde o início da graduação, como também dar espaço para reflexão acerca das atividades realizadas, o portfólio foi também uma forma de lembrar o conteúdo estudado em sala de aula, gerando uma aproximação do aluno com o seu próprio processo de construção do aprendizado, servindo de instrumento de revisão bem organizado e de fácil acesso constituído assim, um relatório de aprendizagem que incluía reflexões e aprimoramento das minhas atividades de docência desempenhadas.

A instituição escolhida foi a Escola Estadual de Educação Profissional (EEEP) Joaquim Antônio Albano, localizada em Fortaleza, no bairro Dionísio Torres. Escola de ensino profissionalizante estadual que possui excelente índice de desenvolvimento da educação básica (Nota 5,5 – 2019) bem acima da média nacional, com profissionais administrativos e professores muito dedicados com a quarta maior aprovação de alunos, dentre as escolas públicas estaduais, para as universidades, aumentando minha responsabilidade e entrega para com os estudantes.

Figuras 61 e 62: Escola Profissionalizante Joaquim Antônio Albano e a fachada de entrada com foto de alunos que ingressaram nas universidades Públicas do Ceará no ano de 2018



Fonte: Acervo Pessoal (2018).

Acompanhado do professor titular de geografia da escola, Rodrigo Paiva, fiquei responsável pela turma profissionalizante de informática do terceiro ano do ensino médio, nos exercícios de revisão de geografia para o Enem/2019.

Tinha acordado com a direção da escola, a presença de quatro horas semanais intercalados em intervalos e duas horas por aula, período que extrapolei em mais quase vinte horas semanais, pois a troca de conhecimento com os alunos e o prazer de assumir uma sala de aula com mais de cinquenta estudantes, ajudando-os, de certa forma, a atingir seus objetivos, que seja fazer uma boa prova no final do ano e conseguir uma vaga em alguma universidade, ou apenas conversar estratégias dando uma orientação de como se preparar psicologicamente para uma data tão importante para vida de um estudante de ensino médio,

fizeram esses quase quatro meses de estágio passarem como se fosse quatro semanas.

Muitos professores que atuam nas escolas não se dão conta da importante dimensão que tem o seu papel na vida dos alunos. Nesse sentido, um dos aspectos que quero ressaltar é a importância da formação do professor e da compreensão que ele deve ter em relação a esse assunto. Pois, não há como acontecer na escola uma educação adequada às necessidades dos alunos sem contar com o comprometimento ativo do professor no processo educativo.

E para o professor entender o real significado de seu trabalho, é necessário que saiba um pouco mais sobre sua identidade e a história de sua profissão.

Teríamos que conseguir que os outros acreditem no que somos. Um processo social complicado, lento, de desencontros entre o que somos para nós e o que somos para fora [...] somos a imagem social que foi construída sobre o ofício de mestre, sobre as formas diversas de exercer este ofício. Sabemos pouco sobre a nossa história (ARROIO, 2000, p.29).

Figuras 63 e 64: Em ação com a aula de geografia na turma profissionalizante de informática EEEP Joaquim Antônio Albano



Fonte: Acervo Pessoal (2018).

Na prática, na sala de aula do Joaquim Albano, eu entendi que a comunicação entre professor e aluno é de primordial importância, e que deve ser trabalhada e construída cotidianamente em contexto escolar, pois, partindo dessa interação o aluno se sentirá mais confortável ao expor seus argumentos. A exemplo, Freire (1997), ressalta que existe momentos em que o educador enquanto autoridade fala ao aluno, mas também é importante o educador saber ouvir.

[...] ele sabe que o diálogo não é apenas em torno dos conteúdos a serem ensinados mas sobre a vida mesma, se verdadeiro, não somente é válido do ponto de vista do ato de ensinar, mas formado também de um clima aberto e livre no ambiente de sua classe. (FREIRE, 1997, p.59).

Figuras 65 e 66: Diálogo com alunos do Joaquim Albano e junto ao professor titular de geografia Rodrigo Paiva



Fonte: Acervo Pessoal (2018).

Por fim, ao longo do estágio, pude perceber a importância do professor em suas práticas, através da interação em que cada dia precisa estar se atualizando nas diversas formas de ensino, tendo a escola como um espaço das discussões e ideologias, tendo inclusive a responsabilidade de articular esse conhecimento científico de forma crítica e consciente na obtenção de uma aprendizagem significativa.

A relação entre professor e aluno vai muito além da sala de aula pois muitas das vezes precisei desempenhar outras funções, e acredito ser esse o objetivo de participar deste projeto de estágio enquanto docente em formação, em que podemos e devemos ter a oportunidade de sentir e refletir como é o papel do professor numa realidade de uma escola pública de ensino médio, como também conhecer a realidade dos alunos. Enfim uma experiência única e inesquecível.

8. CONCLUSÃO

Redigido em plena maturidade, este memorial buscou identificar uma etapa concreta de minha vida acadêmica alinhado ao meu percurso profissional, que para tanto me atentei, no transcurso da escrita, às situações que julguei as mais significativas para minha formação como professor de geografia, com decisões e aprendizados, desde a decisão em fazer licenciatura, quando ainda estudante do ensino médio, passando por dois estados, três municípios e quatro universidades, até a conclusão na UFC em Fortaleza/CE.

Ainda na primeira parte deste memorial, quando da decisão de me tornar um professor de geografia, ainda solteiro e sem filhos, até a absoluta certeza de que era esse o ofício que nasci para exercer, muitos caminhos por estradas sinuosas eu tomei (*The Long and Winding Road*– dos Beatles, faz muito sentido agora). E como sinuosa foram essas curvas.

O título *Entre Bancos: Uma geografia pessoal* que, apesar de possuir um sentido individual cria, ao mesmo tempo, um elo com dois verbos universais, o precisar e o querer. Eu **precisava** trabalhar na profissão que escolhi. Para crescer profissionalmente, tive que mudar de cidade, fazer novos amigos e criar novas oportunidades, mas tal decisão me prejudicava no que eu **queria** fazer: lecionar. Costumava dizer que “estava” bancário, não era bancário e que um dia seria professor, e de geografia.

Em todos os lugares que trabalhei, consegui alinhar o conhecimento financeiro, adquirido nos bancos, com a prática docente, mesmo que apenas como professor estagiário, ou em cursos internos do Banco do Brasil onde era necessário “assumir” a turma, pegar o pincel e trocar conhecimentos acerca de índices econômicos, sociais e até comportamentais da população local, em busca da melhor distribuição de crédito.

Por fim apresento a experiência de que, mesmo diante de todos os obstáculos que surgiram, graças à minha esposa e filhos e também aos amigos que conquistei, nunca deixei de lado o desejo de me tornar professor que, para eles, e - em função deles - deixo aqui, como agradecimento, a máxima do músico/poeta e gênio brasileiro: *se chorei ou se sorri, o importante é que emoções eu vivi.*

REFERÊNCIAS

- ARROIO, Miguel G. **Ofício de mestre: imagem e autoimagem**. São Paulo: Vozes, 2004.
- AB’SÁBER, A. N. **Os domínios de natureza do Brasil: Potencialidades Paisagísticas**. 3.ed. São Paulo: Ateliê, 2003.
- ALVES, J. J. A. **Geocologia da caatinga no Semiárido do Nordeste Brasileiro**. CLIMEP - Climatologia e Estudos da Paisagem, v.2, 2007. p.58-71
- BACEN - Boletim do Banco Central do Brasil - Relatório 2014, **Departamento Econômico (DEPEC)**, Brasília, 2014. Publicação em meio eletrônico, v.41 p. 1-225. Disponível:<https://www.bcb.gov.br/conteudo/relatorioinflacao/EstudosEspeciais/Evolucao_cr edito_estudos_especiais.pdf>.
- CALLAI, Helena C. et al. **O estudo do município e o ensino de história e geografia**. Unijuí, 1988.
- CLAVAL, Paul. **Epistemologia da Geografia**. Florianópolis. Ed. Da UFSC, 2011.
- FREIRE, P. (1983). **Extensão ou Comunicação?** 7ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra.
- FLORENTINO, Raiane. S; et al. **O uso de jogos didáticos em sala de aula: reflexões sobre a mediação do ensino da cartografia temática na disciplina de geografia no ensino fundamental II – Dissertação de Mestrado**. Instituto de Geociências e Ciências Exatas do Campus de Rio Claro, da Universidade Estadual Paulista, 2016.
- IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (Pnad):população**. Rio de Janeiro, 2010/2016.
- LE MONDE DIPLOMATIQUE BRASIL. **A retomada do crescimento mundial se baseia nos Brics**. Ano 3, n.22, set. 2009. Disponível em: https://www.bbc.com/portuguese/noticias/2009/09/090917_lulalemondeml acessado em: 15 Jul. 2020
- MORAES Antônio C. R. **Geografia Pequena História Crítica**.20ªed. São Paulo: Hucitec, 1994.
- MOREIRA, Ruy. **Pensar e ser em Geografia: ensaios de história, epistemologia e ontologia do espaço geográfico**. São Paulo: Contexto, 2007.
- NASCIMENTO, M. S; et al. **Oficinas pedagógicas: Construindo estratégias para a ação docente** – relato de experiência. Rev Saúde Com, v. 3, n. 1, p. 85-95, 2007.
- OLIVEIRA, A. U. **Educação e ensino de Geografia na realidade brasileira**. In: OLIVEIRA, A. U. et al (Org.). Para onde vai o ensino de Geografia? 8. ed. São Paulo:

Contexto, 2003. p. 135-144.

SANTOS, Milton. **O espaço dividido**. Os dois circuitos da economia urbana dos países subdesenvolvidos. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1979 (Coleção Ciências Sociais).

SANTOS, Milton. **Metamorfoses do espaço habitado**: fundamentos teóricos e metodológicos da Geografia. São Paulo: Hucitec, 1988.

VASCONCELOS, F. P.; ABREU, F. L. **A Diversidade no Uso e Ocupação da Zona Costeira do Brasil: A Sustentabilidade como Necessidade**. Conex. Ci. e Technol. Fortaleza/CE, v. 11, n. 5, p. 8 - 16, dez. 2017

VIEIRA, Elaine, VALQUIND, Lea. **“Oficinas de Ensino: O quê? Por quê? Como?”**. 4ªed. Porto Alegre. EDIPUCRS, 2002.